



O Scilicet do Corpo Falante

Apresentação

Referência

Vieira, M. A. Apresentação: O Scilicet do corpo falante. In. Scilicet: O corpo falante – Sobre o inconsciente no século XXI. Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 2016.

[Capa e índice](#)

por Marcus André Vieira

A psicanálise lida com a presença de uma estranha alteridade no íntimo de cada um. Freud demonstrou como era possível reconstituir a partir de suas apresentações fragmentares - lapsos, esquecimentos, atos insensatos - um discurso inconsciente, intrinsecamente vinculado aos conteúdos sexuais recalçados. Lacan resume: estruturado como uma linguagem, o inconsciente é uma *Outra cena*.

Se mergulhamos em nossa história como fazemos em uma análise, sempre topamos, porém, com elementos que excedem a qualquer cena. São pedaços de palavra, cheiros, sons e saliva, que podem ser muito eloquentes sem, no entanto, necessariamente inserirem-se em alguma narrativa ou discurso articulado. Nem sempre o inconsciente é Outra cena, pode traduzir essa alteridade disparatada, não encadeada, mas ainda assim languageira que nos habita.

O X Congresso da *Associação Mundial de Psicanálise* propõe-se a investigar essa dimensão com a premissa de que ela é a forma principal de apresentação do inconsciente hoje. Seguimos habitados pela mesma alteridade estranha, mas em tempos de falência das narrativas o inconsciente se torna mais impermeável ao sentido, resistindo a ser tomado como texto censurado.

Onde, porém, situar esta experiência de língua sem a língua, da qual Lacan nos aproximou ao promover o termo *lalíngua*? Neste sentido, J. A. Miller propõe - na conferência sobre nosso tema que o leitor encontrará neste volume - que abordemos o inconsciente em nosso Congresso a partir da expressão *O corpo falante*.

Somos levados a interrogar o que pode um analista com relação à presença em uma análise desse falante do corpo que não é discurso. O termo *corpo*, aqui, requer precisão. Situado no horizonte dessa pluralidade, ele antecede sua condição habitual. Para que tenhamos um corpo é preciso que o feixe de sensações e significações inacabadas que nos mobiliza e atravessa

ganhe unidade pela intervenção de um Outro, como demonstrou Lacan com seu estádio do espelho. Ora, Miller convida a nos situarmos em um ponto logicamente anterior ao corpo que temos, que vê e é visto, que afeta e é afetado. O corpo falante se refere a uma dimensão pré-ontológica, antes da bifurcação sujeito e objeto e mesmo da distinção corpo e alma. Ele é a vibração de algo corporal que, no entanto, não é nenhum órgão do corpo, muito mais “entre eles”¹, célebre expressão de Freud para localizar seu inconsciente.

Pela mesma razão, o corpo falante não se experimenta exatamente em uma análise, no sentido de sua subjetivação, que supõe vivência espacial e espessura temporal, ambas referidas a um eu no comando. Para caracterizar a presença do corpo falante em uma análise nada melhor que a formulação de Lacan destacada por Miller: o corpo falante, como lugar de *lalíngua*, não se apresenta como vivência, mas como um evento, um “acontecimento de corpo”.

O foco do acontecimento em questão é deslocado pela expressão: o essencial dos acontecimentos de corpo em uma análise é o quanto apontam para algo em nosso corpo que é falante, mesmo não sendo discurso, dito nos termos de Miller: “o corpo não fala, serve para falar”². Ao mesmo tempo é apenas porque podem ser tomados como fala, que se conjugam, se encadeiam, produzem algum sentido, que eles sustentam nossa imagem de nós mesmos e em última instância o corpo que temos. *O corpo falante* é uma expressão que acompanha, portanto, segundo Miller, o modo como Lacan ressitua seu sujeito como *falasser*, destacando o quanto é o falante do corpo vivo que nos dá o corpo de todo dia, o corpo que temos, esse com que vamos dormir e nos levantamos pela manhã.

Lacan sempre destacou elementos, que de maneira análoga, podem ser falantes mesmo fora do discurso: o significante “no real”, o objeto *a* são algumas de suas figuras conceituais. Estes são, porém, referidos à Outra cena, da fantasia. Posteriormente, Lacan passa a tomar essa dimensão em si. Ela será abordada em referência a espaços relativamente fora da narrativa, como o céu constelado do sujeito japonês, a natureza dos semblantes, ou mesmo segmentos da escrita de James Joyce. É o que nos permite colocar em foco, por exemplo, como o analisante joga sua partida final com o inconsciente sem o apoio de uma narrativa fantasística, a partir da *lalíngua* de seu gozo singular, tomado como *sinthoma*.

Este livro é um dos primeiros resultados do esforço concentrado de uma enorme comunidade posta em movimento por estas ideias. Como em volumes anteriores, analistas espalhados pelos quatro cantos do planeta se puseram a trabalho com uma mesma orientação, produzindo uma convergência e uma sólida acumulação de saberes.

A comissão científica optou por tomar como ponto de partida a conferência de J. A. Miller mencionada acima para selecionar noventa e cinco temas que pudessem avançar a discussão. Noventa e cinco colegas foram encarregados de encontrar sua forma própria para apresentar cada um deles com relação ao tema geral. A cada autor foi pedido, além disso, apenas que fosse, dentro do possível conciso, claro e preciso.

Os textos que o leitor lerá em sua forma final foram ainda beneficiários do encontro entre seus autores e os comitês de leitura *Scilicet* das sete Escolas que compõem a AMP. Formados por colegas analistas amantes da letra que fizeram o papel de editores, os comitês propuseram referências desconhecidas, formulações alternativas, produzindo felizes encontros na maior parte dos casos. Contaram ainda com colegas bilíngues, leitores de muitas origens, que cuidaram de encontrar a formulação que cada língua pedia para fazer passar, no impossível da tradução, o ponto de nossa prática em questão da forma mais precisa. Este volume deve,

¹ Freud, S. A Interpretação dos Sonhos. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.V, Parte II, cap. 7, p. 649.

² Miller, J-A. Falar com o corpo. http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V_Jacques-Alain-Miller.html

assim, muito ao esforço dos comitês coordenados pelos editores de cada língua: Elisa Monteiro e Lúcia Grossi, no português, Gerardo Arenas para o espanhol, Marie-Hélène Roch para o francês, Despina Andropoulou para o inglês e Céline Menghi para o italiano. Todo este imenso trabalho foi dirigido por Vera Avellar Ribeiro e Simone Souto, que colocaram sua grande experiência na edição dos *Scilicets* anteriores e seus muitos talentos a serviço da produção do mesmo volume em cinco línguas. Importa agradecer, aqui, em nome da Direção do Congresso, de nossa comunidade e do presidente da AMP, Miquel Bassols, a esses colegas como forma de registrar nossa enorme dívida com todos os que participaram desse trabalho impressionante.

O resultado é uma coleção ao mesmo tempo borgesiana e coesa. Como nos *Scilicets* anteriores, essa coerência se oculta na multiplicidade panorâmica da ordenação alfabética, mas ela é firmemente sustentada pela orientação comum de todos os integrantes do volume. Basta correr os olhos pelo índice para perceber o quanto os analistas da AMP estão tratando do inconsciente sintonizados com seu tempo, como investigam a pertinência do falante do corpo no plano da sexualidade, da arte, da política, entre outros, não recuando ante o desafio de intervir a partir do que o Outro de nossos dias tende a ignorar: a força do que no corpo é falante. Temas tão diversos como “sair do armário”, fitness, *body art* e automutilação se oferecem à interpretação do analista que vem demonstrar como em meio à crença no imaginário como real dos corpos, ainda assim é possível dar lugar ao poder das palavras. Além disso, toda uma vertente deste livro cuida de rever os conceitos da psicanálise a partir do modo como Lacan indicou em seus últimos seminários, destacados por Miller como seu último ensino: o inconsciente lacaniano e o freudiano, a interpretação e a pulsão, entre muitos outros, são retomados sob o prisma de *lalíngua*, do *falasser*, do *sinthoma* e do escabelo, entre outros. E ainda autores como Merleau Ponty, Descartes, Heidegger, Hegel, Schoenberg, Duchamp e Joyce são chamados a participar deste grande mosaico que declina a psicanálise de orientação lacaniana em nossos dias.

O passe tem lugar privilegiado. Nossa comunidade tem a especificidade de colocar em seu centro este dispositivo institucional criado por Lacan para produzir narrativas que possam trazer a público a singularidade da conclusão de uma análise. Apenas um verbete se refere explicitamente a ele, mas os testemunhos de passe encontram lugar no interior de um sem número de outros verbetes por atestarem sobre o modo como diferentes análises lidaram com a dimensão de *lalíngua* do sintoma no horizonte extremo de sua conclusão, uma vez esvaziado o romance da fantasia que lhe dirigira, até então, a existência.

Nessa dimensão do dizer a singularidade não mais se oculta sob o sonho de um sentido derradeiro, sempre em fuga. Ela é presença ativa, substância gozante, segundo Lacan, substância falante do corpo, poderíamos dizer do ponto de vista que nosso Congresso anuncia. Essa substância permanecerá como tal, não saturada pelo dito, rebelde ao saber e à verdade. Não haverá, portanto, verdade última, nem saber operatório, apenas um novo um “fazer com” o gozo singular do *sinthoma*, quando ele houver “passado para as tripas”, no dito de Miller.

Nossa civilização parece ter feito sua escolha em um sentido contrário. Vem preferindo ao improvável do gozo o cálculo de probabilidades. As certezas imediatas das estatísticas de risco buscam ocupar a certeza de um acontecimento de corpo. Anônimos programadores criam algoritmos para calcular, a partir de nosso padrão de consumo por exemplo, o que devem nos oferecer na semana seguinte, sem imaginar o quanto de ideologia se embute em suas decisões. Ocupa-se a caixa preta do sujeito, ponto cego no coração da subjetividade, pelas previsões dos computadores.

De fato, o improvável do gozo pode angustiar. A vida que se inscreve em nós, ao fim e ao cabo, esvaziadas todas as histórias do céu e da terra é sem razão, sem porquê. Mas os caminhos por

onde deságua no corpo, sua inscrição contingente, mesmo se nada contam, contam muito, pois são o que fazem-no vibrar como nenhum outro.

Estas são, caro leitor, as coordenadas de leitura que o intenso trabalho na preparação do Congresso me leva a lhe propor para este livro. Você não precisará de nenhuma insônia ideal para percorrer os verbetes que o compõem, pois todos os que dele participaram buscam transmitir, sem contar com sentidos prévios bem instalados, a força do inconsciente de Freud a Lacan. Que nosso interesse pelo que hoje pode nos fazer vibrar além do sentido te conduza.



Revisão ortográfica e gramatical

Maria de Lourdes Costa – Saitec Editoração

Diagramação

Eduardo Costa de Queiroz – Saitec Editoração

Concepção da Capa

Lourenço Astúia de Moraes

Capa

Muniz, Vik – Female Model Standing Before a Mirror, after C. W. Eckersberg, 2012,

© MUNIZ, Vik/ Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2015

Copyright © 2016 by

Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo

scilicet: O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI
São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

340 p. 15 X 21 cm

ISSN: 978-85-63061-01-0

Textos preparatórios para o X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Rio de Janeiro, 2016.

1. Psicanálise I. Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

CDU: 159.964

CDD: 150.195
